

# A ETIMOLOGIA DE TURGOT: GRÃOS DE AREIA PARA UMA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

Marcos BAGNO<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i1.3381>

**Resumo:** A história da linguística é narrada habitualmente como uma série de “revoluções” em que um paradigma novo substituiria por completo seu predecessor, cujo trabalho deveria ser deixado à margem dos desenvolvimentos atuais. Recorrendo a uma análise do verbete sobre etimologia na *Encyclopédie* dos iluministas franceses do século 18, é possível negar essa suposta linearidade dos avanços teóricos e metodológicos da linguística e reconhecer que eles se fazem por acúmulo e desdobramentos cíclicos, jamais de forma abrupta.

**Palavras-chave:** Historiografia linguística. Iluminismo francês. *Encyclopédie*. Linguística moderna.

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil; [bagno.marcos@gmail.com](mailto:bagno.marcos@gmail.com), <http://orcid.org/0000-0002-8688-0824>

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

## *TURGOT'S ETYMOLOGY: GRAINS OF SAND FOR A HISTORY OF LINGUISTICS*

**Abstract:** The history of linguistics is usually narrated as a series of “revolutions” in which a new paradigm would completely replace its predecessor, whose work should be left aside from current developments. By resorting to an analysis of the entry on etymology in the 18<sup>th</sup> century Encyclopedia of the French Enlightenment, it is possible to deny this supposed linearity of theoretical and methodological advances in linguistics and recognize that they occur by accumulation and cyclical unfoldings, never abruptly.

**Keywords:** Historiography of linguistics. French Enlightenment. *Encyclopédie*. Modern linguistics.

### **Introdução**

Os antigos romanos empregavam o adágio *ex nihilo nihil*, “nada [provém] do nada”, isto é, tudo o que existe deve ter uma origem, numa formulação que traduz o grego οὐδὲν ἐξ οὐδενός (*ouden eks oudenos*), atribuída ao filósofo Parmênides (final do século 6 ou início do 5 antes da Era Comum<sup>2</sup>). Quando se trata, porém, de querer afirmar um novo conjunto de ideias, crenças e valores, esse postulado tem sido frequentemente abandonado, substituído pela tentativa, em tudo ideológica, de estabelecer um novo paradigma, trazido à luz por algum tipo de “revolução”, conforme a conhecida definição de Thomas S. Kuhn (1921-1996) em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions*, publicado em 1962. Ao longo da história dos estudos linguísticos, especialmente a partir da fase em que foram rotulados como “científicos”, isto é, na primeira metade do século 19, é possível observar, entre diferentes lapsos temporais, esforços nesse sentido. Em sua última coletânea de textos sobre a historiografia da linguística, E. F. K. Koerner (1939-2022) faz a seguinte análise (KOERNER, 2020, p. 4-5):

Há um tipo de escrita da história que emerge numa época em que uma geração particular, ou um indivíduo que representa de modo significativo as ideias, crenças e compromissos de sua geração, está persuadida de que uma meta desejada – uma espécie de “platô” – foi alcançada, e o trabalho subsequente no campo estará amplamente empenhado em operações de “mopping-up”

---

<sup>2</sup> Usamos intencionalmente, e seguindo uma tendência internacional, os algarismos arábicos para representar os séculos, assim como as expressões “antes da Era Comum” e “depois da Era Comum”, também empregadas em trabalhos científicos de diversos países como uma forma de desvincular a ciência de qualquer filiação a uma tradição religiosa específica.

(Kuhn)<sup>3</sup>. Essas narrativas supõem que o arcabouço teórico já foi suficientemente mapeado para que qualquer membro da comunidade científica conduza suas investigações, e que já não há mais nenhuma necessidade de qualquer revisão significativa da metodologia ou da abordagem do objeto sob análise. O resultado dessas deliberações, que chamo de “histórias totalizadoras” [*“summing-up histories”*], tende a ver a evolução do campo como o desenvolvimento do campo de um modo essencialmente unilinear.

Uma das mais conhecidas operações de *mopping-up* ocorreu no início do século 20, quando os promotores do estruturalismo linguístico elegeram Ferdinand de Saussure (1857-1913) como “pai da linguística moderna”, adotaram a exclusividade do ponto de vista sincrônico para o estudo das línguas, marginalizando quase totalmente o grande volume de resultados acumulados pelo trabalho empreendido no século anterior pela linguística histórica-comparativa. Também se esforçaram por convencer as novas gerações de que as teses estampadas no *Curso de linguística geral*, publicado à revelia de Saussure, e três anos depois de sua morte, em 1916, eram inovações absolutas, elaborações pioneiras, independentes de qualquer vínculo com a linguística praticada antes ou durante a vida do linguista suíço. Koerner (1973), no entanto, demonstrou com farta documentação textual que o pensamento saussuriano é a sistematização de noções e conceitos provenientes das obras de vários autores seus contemporâneos, especialmente as do estadunidense William Dwight Whitney (1827-1894) e do alemão Hermann Paul (1846-1921).

Nosso objetivo aqui é tentar mostrar, pelo recurso a um texto publicado na segunda metade do século 18, de que maneira muito do que se viria a firmar mais adiante como “linguística científica” ou “linguística moderna” já estava presente, mesmo que de forma embrionária, nas reflexões sobre língua e linguagem que circulavam no período e, decerto, em períodos anteriores – ou seja, de que o desenvolvimento dos estudos linguísticos não se deu “de um modo essencialmente unilinear”. O texto em questão é o verbete *etimologia*, constante do grande empreendimento que foi a publicação da *Enciclopédia*, a cargo dos principais nomes do Iluminismo francês.

---

3 A locução verbal *mop up*, transitiva direta, significa, no jargão militar, ‘completar a conquista de uma área capturando ou executando as tropas inimigas’ (*New Oxford American Dictionary*, 2019). Kuhn aplica o termo *mopping-up* à estratégia discursiva de desqualificar os paradigmas científicos anteriores com vistas a afirmar a validade dos novos.

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

## O Iluminismo e suas bases ideológicas

O século 18 é o século do chamado *Iluminismo* (*Lumières*, em francês; *Enlightenment*, em inglês; *Aufklärung*, em alemão; *Illuminismo*, em italiano; *Ilustración*, em espanhol), uma corrente de pensamento filosófico, político, social, econômico e mesmo religioso que se opunha aos dogmatismos inflexíveis, ao obscurantismo e às superstições, às arbitrariedades dos governos autoritários, monárquicos e absolutistas, e reivindicava mais espaço para os progressos científicos obtidos por meio da teorização rigorosa e das experimentações. São as ideias iluministas que vão inspirar alguns importantes movimentos de transformação social e política, como a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789).

Assim como o século 17 se tornou o *Grand Siècle* para a cultura francesa, o século 18 será o *Siècle des Lumières*, o “Século das Luzes”, convencionalmente fixado entre 1715 (ano da morte do rei Luís XIV, nascido em 1638) e 1789 (ano da Revolução Francesa). Em toda a Europa ocidental – assim como nos Estados Unidos recém-criados – se deu um amplo florescimento nas mais diversas áreas do saber e das artes. Na filosofia, por exemplo, se destacou o alemão Immanuel Kant (1724-1804), que se esforçou por superar a disputa entre empirismo e racionalismo, iniciada no final do século 17. O pensamento econômico vai receber reformulações significativas nas obras do escocês Adam Smith (1723-1790), autor do clássico *The Wealth of Nations* (*A riqueza das nações*, 1776), que estuda o capitalismo em ascensão como um modo de produção inovador e moderno, e é tido como a primeira grande obra de teoria econômica. A inglesa Mary Woolstonecraft (1759-1797) se tornará uma importante pioneira das lutas pela emancipação feminina com sua obra *A Vindication of the Rights of Woman* (“Uma reivindicação pelos direitos da mulher”, 1792). Isso também explica o nome de *Idade da Razão* às vezes aplicado a esse período histórico: já não se trata da *razão* tal como definida na corrente filosófica racionalista, mas como um modo de abordar a vida e o mundo sem as travas das crenças infundadas, das superstições e dos dogmas – a recusa da religião institucional e da própria noção de divindade (tida como o contrário de toda racionalidade) estará presente nas reflexões e no trabalho de vários dos principais nomes do período. Pela primeira vez, o ateísmo será publicamente assumido por diversos pensadores, apesar dos riscos que implicava.

No campo das ciências, o francês Georges-Louis Leclerc de Buffon (1707-1788), naturalista e biólogo, entre outras ocupações, formulou hipóteses que viriam a influenciar mais tarde os também biólogos Jean-Philippe Lamarck (1744-1829) e Charles Darwin (1809-1882), elaboradores pioneiros das teorias da evolução dos seres vivos. A química moderna se desenvolve com Antoine Laurent de Lavoisier (1748-1794), guilhotinado aos

cinquenta anos por causa de intrigas políticas. Na Itália, Alessandro Volta (1745-1827) faz grandes avanços nos estudos da eletricidade e cria a primeira pilha elétrica, chamada precisamente *pilha voltaica*; derivado também de seu nome é o *volt*, unidade de medida da tensão elétrica. Igualmente italianos são os pensadores da jurisprudência Cesare Beccaria (1738-1794), autor do clássico do direito penal *Dos delitos e das penas* (1764), redator do primeiríssimo manifesto contra a pena de morte, e Francesco Mario Pagano (1748-1799), formulador de princípios de direito constitucional, além de dramaturgo e polemista.

Apesar de seu inegável caráter “revolucionário”, todos esses avanços não se deram num vácuo preenchido por uma originalidade radical, mas foram possibilitados, ao contrário, pelo acúmulo do que já se tinha produzido anteriormente nos mesmos campos de estudo. É o que já no século 12 o filósofo francês neoplatônico Bernardo de Chartres (morto depois de 1124) expressava com a frase “*nanos gigantium humeris insidentes*”, isto é, “anões que se erguem sobre ombros de gigantes”, no sentido de que as novas descobertas se constroem sobre as anteriores, uma frase que se tornará célebre ao ser recuperada por Isaac Newton (1642-1726), que afirmou só ter podido enxergar mais longe por ter se posto de pé sobre ombros de gigantes. Em suma, uma versão medieval do clássico *ex nihilo nihil*.

## A Enciclopédia, síntese dos ideais iluministas

Os mais célebres iluministas franceses serão chamados *philosophes*, termo em geral mantido em francês por não coincidir totalmente com a noção mais tradicional de *filósofo* como elaborador de um sistema de pensamento unificado em torno de postulados centrais que podem ser aplicados às investigações sobre ética, estética, política, metafísica, epistemologia, ontologia etc. Os *philosophes* do Iluminismo francês são, bem mais, romancistas, poetas, dramaturgos e ensaístas de talento, divulgadores de um conjunto de postulados políticos e éticos próprios do espírito de sua época, espírito que, de fato, eles ajudaram a criar. Os nomes mais destacados do grupo são Montesquieu (Charles-Louis de Secondat, barão de La Brède e de Montesquieu, 1689-1755), Voltaire (François-Marie Arouet, 1694-1778), Denis Diderot (1713-1784), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Jean Le Rond d’Alembert (1717-1783), Helvétius (Claude-Adrien Schweitzer, 1715-1771) e D’Holbach (Paul Thiry, barão d’Holbach, 1723-1789).

Diderot e d’Alembert serão os editores do ambicioso projeto da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (“Enciclopédia ou Dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios”) publicada entre 1751 e 1772. A ideia inicial era fazer uma tradução para o francês da obra editada na Inglaterra a partir de 1728 por Ephraim Chambers (1680-1740), a *Cyclopaedia or Universal Dictionary of Arts and Sciences* (“Ciclopédia ou Dicionário universal de artes e ciências”). Diversas peripécias

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

editoriais e financeiras, no entanto, acabaram substituindo o projeto inicial de tradução pela elaboração de uma enciclopédia original feita com a colaboração dos principais intelectuais franceses do período. Diderot assumiu a editoria do empreendimento, ao qual dedicará os próximos vinte e cinco anos de sua vida. A *Enciclopédia* se torna, assim, um repositório dos conhecimentos disponíveis à época nas mais variadas áreas do saber e, principalmente, um monumento que recolhe as principais teses revolucionárias abraçadas pelos “enciclopedistas”, entre os quais alguns dos *philosophes* citados antes, além de vários outros colaboradores. No total, foram 17 volumes de texto, 11 volumes de pranchas ilustrativas e 71.818 verbetes.

## A língua e a linguagem na Enciclopédia

Num empreendimento de tal magnitude não poderiam faltar discussões em torno de língua e de linguagem em geral, temas de vivos debates entre os intelectuais da época. Segundo Simone (1998, p. 210), a *Enciclopédia* representa

[...] um passo crucial no desenvolvimento linguístico do século 18. A grande sensibilidade que a obra exhibe para com problemas linguísticos refletia amplamente os interesses de seus organizadores (especialmente Diderot) em linguagem e nos processos semióticos e comunicativos em geral. Essa atitude se tornou provavelmente ainda mais significativa pelos contatos de Diderot com Rousseau e sobretudo com Condillac, bem como com as fortes influências da filosofia de Locke na França [...].

O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos expoentes do pensamento iluminista e elaborador de alguns princípios que influenciarão profundamente a filosofia romântica do século seguinte, chegou mesmo a escrever alguns verbetes. Os mais importantes verbetes nesse campo ficaram a cargo de dois *grammairiens-philosophes* (“gramáticos-filósofos”, uma figura típica da França do século 18), César Chesneau du Marsais (1676-1756) e, após a morte deste, Nicolas Beauzée (1717-1789). Ambos tentaram empreender uma síntese entre a tradição logicista da gramática francesa clássica e o pensamento empirista de John Locke (1632-1704), intermediado por Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780), raro representante continental do empirismo britânico. Assim, Du Marsais e Beauzée, em seus verbetes, arriscam postulados mais próximos de uma teoria moderna da linguagem, que se baseia na análise dos fatos de língua e não somente em especulações metafísicas, mas não se desprendem das visões mais convencionais sobre a correspondência entre “lógica” e “gramática”. Desse modo, por exemplo, no verbete *gramática* (*grammaire*), que contou com a participação de Beauzée, lemos:

GRAMÁTICA. [...] É a ciência da palavra pronunciada ou escrita. A palavra é uma espécie de quadro cujo original é o pensamento; ela deve ser uma fiel imitação deste, tanto quanto essa fidelidade possa se encontrar na representação sensível de uma coisa puramente espiritual. A Lógica, pelo recurso à abstração, dá conta de analisar de certa forma o pensamento, todo indivisível que ele é, considerando separadamente as ideias diferentes que são seu objeto, e a relação que o espírito percebe entre elas. É essa análise que é o objeto imediato da palavra; e é por isso que a arte de analisar o pensamento é o primeiro fundamento da arte de falar ou, em outros termos, que uma sadia Lógica é o fundamento da *Gramática*<sup>4</sup>.

Aqui se tem a retomada clássica das relações entre pensamento e linguagem e, com toda probabilidade, feita sob a influência da *Gramática* (1660) e da *Lógica* (1662) de Port-Royal, empreendimentos intelectuais que sintetizaram o pensamento racionalista em questões de linguagem-pensamento, e em que a segunda obra, bem mais volumosa, serve de fundamento para a primeira. A origem mais remota dessa concepção é a filosofia platônica. No diálogo *Sofista*, Platão escreveu:

Estrangeiro: – Ora bem, **pensamento** [*diánoia*] e **discurso** [*lógos*] são a mesma coisa, só que o primeiro, que é uma conversa silenciosa e íntima da alma consigo mesma, recebeu o nome especial de *pensamento*. Não é verdade?

Teeteto: – É verdade.

Estrangeiro: – E a corrente que sai dela pela boca, por meio de sons, recebe o nome de discurso [*lógos*]. (Platão, *Sofista*, 263e; negrito nosso)

---

4 O texto integral de todos os volumes da *Encyclopédie*, em francês, está disponível *on-line* em diversos locais: no *site* da Bibliothèque nationale de France (BnF), no projeto Gallica: <https://bit.ly/39G5vSd> (acesso em: 2 dez. 2021); no da Library of Congress (Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos): <https://bit.ly/3MOSjsd> (acesso em: 2 dez. 2021); e no Wikisource: <https://bit.ly/3kAGI9L>, (acesso em: 2 dez. 2021). O Wikisource é a que oferece maior praticidade para consulta, leitura e descarregamento dos textos. A página específica do verbete *Grammaire* (“Gramática”) é <https://bit.ly/39qDDB8> (acesso em: 2 dez. 2021) e a do verbete *Étymologie* (“Etimologia”), <https://bit.ly/3kAGoCt> (acesso em: 2 dez. 2021). É aos dois últimos endereços eletrônicos que deve recorrer a pessoa interessada em confrontar as traduções que ofereceremos aqui, todas de nossa autoria, e os textos originais em francês. Não reproduziremos os textos em francês porque o limite de espaço do artigo não permite. De todo modo, não endossamos a prática já convencional de apresentar, em rodapé, os trechos na língua original, porque de fato é tão original quanto o que recebe normalmente esse rótulo. Por fim, há uma incoerência visível naquela prática convencional: quando um livro é publicado comercialmente, a tradução é citada sem reprodução do texto-fonte – por que então seria preciso reproduzi-lo quando a tradução é inédita? Por que a publicação comercial tem de ser vista, por si só, como selo de garantia de uma tradução que merece confiança?



- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

Essa vertente racionalista permite a enunciação do postulado de que todas as línguas, por serem reflexos do pensamento, que é igual para todos os seres humanos, apresentam características universais, como se lê na continuação do verbete *gramática*:

Com efeito, sejam quais forem os termos cujo uso agrada aos diferentes povos da terra fazer, as maneiras como lhes apeteça modificá-los, a disposição que lhes deem: eles sempre terão de traduzir percepções, julgamentos, raciocínios; precisarão de palavras para exprimir os objetos de suas ideias, suas modificações, suas correlações; terão de tornar sensíveis os diferentes pontos de vista desde os quais terão observado todas essas coisas [...]. Em todas as línguas encontraremos proposições que terão seus sujeitos e seus atributos; termos cujo sentido incompleto exigirá um complemento, um regime: numa palavra, todas as línguas submeterão indispensavelmente sua marcha às leis da análise lógica do pensamento; e essas leis são invariavelmente as mesmas por toda parte e em todos os tempos, porque a natureza e a maneira de proceder do espírito humano são essencialmente imutáveis.

Entretanto, essa universalidade é logo em seguida contraposta ao princípio da arbitrariedade:

Mas sente-se bem que nenhuma palavra pode ser o tipo essencial de nenhuma ideia; ela só se torna o símbolo da ideia por uma convenção tácita, mas livre; seria possível dar-lhe um sentido totalmente oposto. Há uma igual liberdade quanto à escolha dos meios que se pode empregar para exprimir a correlação das palavras na ordem da enunciação, e a das ideias na ordem analítica do pensamento. Mas as convenções, uma vez adotadas, é uma obrigação indispensável segui-las em todos os casos semelhantes; já não é permitido afastar-se delas senão para se conformar a alguma outra convenção igualmente autêntica, que revoga as primeiras em algum ponto particular, ou que as revoga inteiramente. Daí a possibilidade e a origem das diferentes línguas que têm sido, são e serão faladas sobre a terra.

É possível portanto estabelecer “duas sortes de princípios”: os que definem uma *gramática geral*, válidos para todas as línguas, e os que definem *gramáticas particulares*, que são os modos como cada língua individual se organiza em função das convenções firmadas entre si por seus falantes. Desse modo, “a *Gramática geral* é uma *ciência*” porque seu único objeto é a “especulação racional dos princípios imutáveis e gerais da fala”, ao passo que “uma *gramática particular* é uma *arte*”, na medida em que visa a aplicação



prática das “instituições arbitrárias e usuais” de uma língua específica aos princípios gerais da fala. É notável a consideração da mudança linguística como algo natural, próprio dos usos sociais da língua (e decorrente da arbitrariedade mesma da língua), e não como uma forma de degeneração, como era a visão mais tradicional e, sobretudo, a dos racionalistas como Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). As línguas mudam, mas conservam, em sua essência, os princípios fundamentais derivados da identidade dos processamentos lógicos com que a mente opera e se manifesta na fala.

### O empirismo assumido: a etimologia de Turgot

As contradições e flutuações entre a tradição logicista e os postulados empiristas se dissipam, no entanto, no verbete *étymologie* (*etimologia*), que consta do volume 6 da *Encyclopédia* (1756). A historiografia atual não hesita em atribuir sua autoria a Anne-Robert-Jacques Turgot (1727-1781), economista, ministro das finanças do rei Luís XVI (1754-1793) – o rei deposto e guilhotinado pela Revolução –, mas partidário de ideias políticas e econômicas que influenciariam os revolucionários de 1789 (SIMONE, 1998; DAVIES, 1998). No entanto, ao contrário dos outros verbetes da obra, este não vem assinado, e a justificativa dada pelos editores reflete as tensões políticas da época:

Quatro pessoas que lamentamos muito não poder nomear, mas que exigiram de nós essa condição, nos deram diferentes artigos. Devemos à primeira os verbetes ÉTYMOLOGIE [ETIMOLOGIA], EXISTENCE [EXISTÊNCIA] e EXPANSIBILITÉ [EXPANSIBILIDADE]; à segunda, os verbetes ÉVIDENCE [EVIDÊNCIA], FERMIERS [FAZENDEIROS], GRAINS [GRÃOS]; à terceira, os verbetes FATALITÉ [FATALIDADE] e FIGURE (THÉOLOGIE) [FIGURA {TEOLOGIA}] [...]; à quarta, os verbetes FASTE [FASTO], FAMILIARITÉ [FAMILIARIDADE], FERMETÉ [FIRMEZA], FLATTERIE [BAJULAÇÃO], FRIVOLITÉ [FRIVOLIDADE] e alguns outros<sup>5</sup>.

O esclarecimento se refere ao tomo 6 da obra. É provável que o anonimato tenha sido exigido por temor às eventuais consequências negativas que poderiam advir da colaboração de pessoas próximas ao círculo do poder estatal num projeto cujos promotores eram considerados como propagadores de ideias que hoje chamaríamos subversivas. Turgot, como se viu, foi ministro de Luís XVI. As outras pessoas não nomeadas podem ter sido: (1) François Quesnay (1694-1774), médico e economista, muito próximo do rei Luís XV (1710-1774), autor de *evidência*, *fazendeiros* e *grãos*; (2) André Morellet (1727-

5 Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re\\_%C3%A9dition/Tome\\_6/Auteurs](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/Tome_6/Auteurs). Acesso em: 3 dez. 2021.

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

1819), literato que se envolveu em diversas intrigas políticas, autor de *fatalidade* e *figura (teologia)*, partidário de ideias religiosas desautorizadas pela Igreja católica; (3) Jean-François de Saint-Lambert (1716-1803), filósofo, escritor, militar de alta patente no exército real, autor de *fasto*, *familiaridade*, *firmeza*, *lisonja*, *frivolidade* e outros.

Turgot contribuiu, portanto, com outros verbetes da *Encyclopédie*. Seu verbete sobre etimologia é uma obra-prima de estilo (“soberbo”, segundo Simone, 1998) e de uma modernidade inegável com relação às ideias linguísticas de seu tempo. O tratamento do tema lhe serve para construir, mais do que um verbete, um verdadeiro ensaio em que se vê, de fato, como tentaremos mostrar, o desdobramento de uma concepção de língua muito próxima da de teorias que viriam a se firmar nos séculos 19 e 20. Abraça sem rodeios o empirismo, recorrendo a Locke e a Condillac, o que se comprova já nas primeiras linhas do texto:

As palavras não têm nenhuma relação necessária com o que exprimem; é simplesmente em virtude de uma convenção formal e fixada invariavelmente entre os homens que certos sons despertam em nosso espírito certas ideias. Esse vínculo é o efeito de um hábito formado na infância à força de ouvir repetir os mesmos sons em circunstâncias mais ou menos semelhantes; ele se estabelece no espírito dos povos, sem que eles pensem; pode se apagar pelo efeito de outro hábito que se formará tão surdamente quanto, e pelos mesmos meios. As circunstâncias em que a repetição determinou no espírito de cada indivíduo o sentido de uma palavra não são jamais exatamente as mesmas para dois homens; são ainda mais diferentes para duas gerações. Assim, considerando-se uma língua independentemente de suas relações com as outras línguas, ela tem em si mesma um princípio de variação. A pronúncia se altera ao passar dos pais aos filhos; as acepções dos termos se multiplicam, se substituem umas às outras; novas ideias vêm acrescentar as riquezas do espírito humano; é preciso desviar a significação primitiva das palavras por metáforas; fixá-la em certos pontos de vista particulares, por inflexões gramaticais; reunir diversas palavras antigas para exprimir as novas combinações de ideias.

O verbete se abre, portanto, com uma negação implícita do postulado racionalista das *ideias inatas* e recusa a consideração da mudança linguística como a degeneração de um suposto vínculo original entre a palavra e seu referente no mundo real. Há um fundamento *social* e *histórico* explícito na consideração do tema. O emprego do termo *variação* antecipa as teses da sociolinguística variacionista que se firmará na década de 1960: a heterogeneidade é constitutiva de uma língua em qualquer recorte temporal, e

é a disputa entre formas variantes que vai provocar alguma mudança futura – a mudança pode ser observada enquanto acontece pelo exame dos modos de falar de duas gerações de usuários da língua convivendo num mesmo lapso temporal (LABOV, 2008 [1972]). E, antecipando o que escreverá William Dwight Whitney (1827-1894), é precisamente o caráter arbitrário das palavras (ou *signos*, na terminologia whitneyana, herdeira de Locke) que permite a mudança da língua, um postulado que será retomado no *Curso de linguística geral* (1916), publicado sob o nome de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Assim é que se lê em Whitney (1867, p. 34):

Toda forma existente de língua humana é um corpo de signos arbitrários e convencionais para o pensamento, transmitido por tradição de uma geração a outra e nenhum indivíduo em qualquer geração recebe ou transmite esse corpo todo: é a soma das coisas dadas e recebidas separadamente que é efetiva para conservar sua existência sem perda essencial. No entanto, o processo de transmissão tradicional sempre tem sido, é agora e continuará a ser – em todas as partes do mundo – imperfeito: nenhuma língua permanece ou pode permanecer a mesma durante um longo período de tempo.

No *Curso*, por sua vez, temos (SAUSSURE, 2021 [1916], p. 127):

[...] situada [a língua] simultaneamente na massa social e no tempo, ninguém pode mudar nada nela e, por outro lado, a arbitrariedade de seus signos acarreta teoricamente a liberdade de se estabelecer qualquer relação que seja entre a matéria fônica e as ideias. Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos conservam cada qual sua vida própria numa proporção desconhecida em outro lugar, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, por influência de todos os agentes que podem atingir seja os sons, seja os sentidos. Essa evolução é fatal, não existe exemplo de língua que resista a ela. Ao cabo de certo tempo, sempre é possível constatar deslocamentos sensíveis.

Avançando em seu texto, Turgot recorda que, para os gregos, conhecer a origem de uma palavra era alcançar a “verdade” primordial oculta em seu significado, de modo que *étymon tes léxeos* era “o verdadeiro sentido de uma palavra”. O termo *etimologia*, no entanto, avançou no tempo para significar a investigação das origens de um vocábulo, indiferente a uma suposta significação “verdadeira” primitiva:

As pesquisas se estenderam por um campo imenso; mas embora se tornassem com frequência indiferentes ao conhecimento do verdadeiro sentido das

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

palavras, conservou-se o antigo nome de *etimologia*. Hoje em dia, os sábios dão esse nome a todas as investigações sobre a origem das palavras; e é nesse sentido que o empregaremos neste verbete.

A primeira parte do verbete se dedica a explicitar um método rigoroso para o estudo etimológico, que o autor divide em duas fases: a *invenção*, isto é, a formulação de uma hipótese, e a *crítica*, a submissão da hipótese a testes que possam comprová-la (do ponto de vista histórico, articulatório, das transformações semânticas, do contato entre línguas e povos etc.):

[...] às vezes (e eis a pedra de toque das *etimologias*, como também de todas as verdades de fato), todas as circunstâncias concordam perfeitamente com a suposição feita; a concordância de cada uma em particular forma uma probabilidade; essa probabilidade aumenta numa progressão rápida, à medida que a ela se juntam novas verossimilhanças; e logo, pelo apoio mútuo que estas se emprestam, a suposição deixa de ser suposição e adquire a certeza de um fato. A força de cada verossimilhança em particular, e a reunião das verossimilhanças, são portanto o único princípio da certeza das *etimologias*, como de todo outro fato, e o fundamento da distinção entre *etimologias* possíveis, prováveis e certas. Disso decorre que a arte etimológica é, como toda arte conjectural, composta de duas partes, a arte de formar as conjecturas ou as suposições, e a arte de verificá-las; ou, em outros termos, a invenção e a crítica: as fontes da primeira e as regras da segunda são a divisão natural deste artigo; pois nele não incluiremos nada das investigações que se pode fazer sobre as causas primitivas da instituição das palavras, sobre a origem e os progressos da linguagem, sobre as relações das palavras com o órgão que as pronuncia, e as ideias que exprimem. O conhecimento filosófico das línguas é uma ciência vastíssima, uma mina rica de verdades novas e interessantes. As *etimologias* são somente fatos particulares sobre os quais ela às vezes aplica princípios gerais; estes, na verdade, tornam por sua vez a investigação das *etimologias* mais fácil e mais segura; mas se este artigo tivesse que abranger tudo o que pode fornecer aos etimologistas conjecturas ou meios de verificá-las, seria preciso que ele tratasse de todas as ciências. Remetemos, assim, sobre essas matérias, aos artigos *gramática*, *interjeição*, *analogia*, *mistura [mélange]*, *origem e análise das línguas*, *metáfora*, *onomatopeia*, *ortografia*, *signo* etc. Acrescentaremos somente, sobre a utilidade das investigações etimológicas, algumas reflexões próprias a dissipar o desprezo que algumas pessoas afetam por este gênero de estudo.

Turgot explica que as mudanças ocorridas no modo como as palavras são pronunciadas podem apagar todos os vestígios da forma original da raiz. A ortografia, especialmente uma ortografia tão conservadora quanto a francesa, sempre pode servir de “testemunho bastante seguro do antigo estado da língua”. Realmente, mesmo em convenções de escrita normatizadas em que há uma correspondência mais próxima entre som e letra, como no caso do português, é possível hipotetizar pronúncias antigas: o par *cassar* e *caçar*, por exemplo, deixa supor que, em algum momento da história da língua, existia uma distinção sonora audível entre o que se escrevia com <ss> e o que se escrevia com <ç> (e também com <ce> e <ci>). O enciclopedista sugere o recurso aos “dialetos” para a investigação desses aspectos fonéticos. De fato, em variedades rurais do norte de Portugal se conserva até hoje uma distinção entre *cassar*, com um [s] predorsodental, e *caçar*, com um [s̺] apicoalveolar, que é um desenvolvimento de uma antiga consoante [ts] que perdeu sua oclusão fricativa inicial (CARDEIRA, 2021). Em inglês, o dígrafo <gh> de palavras como *light*, *night*, *eight*, (‘luz’, ‘noite’, ‘oito’), hoje não pronunciado, era uma consoante fricativa [x] aparentada ao -ch- do alemão em *Licht*, *Nacht*, *acht*, nitidamente pronunciado até hoje (WHITNEY, 1867).

As mudanças na língua não atingem somente a pronúncia, mas igualmente o *sentido* das palavras por “toda sorte de tropos e metáforas”, o que corresponde a uma das características dos processos do que virá a ser chamado de *gramaticalização* (MEILLET, 2020 [1912]), em que termos de significado original concreto podem chegar a perder completamente esses primeiros sentidos e se tornar na atualidade um conceito puramente abstrato (como o latim *pensare*, ‘pesar’, que se tornou *pensare/penser/pensar* em italiano, francês, português e espanhol respectivamente, com o sentido de “meditar, refletir” – a metáfora, no caso, é a de “pesar as ideias”). Trata-se, de fato, de uma retomada de hipóteses sugeridas por Condillac, uma das fontes teóricas de Turgot, como já vimos. A confluência desses dois tipos de mudança (sonora e semântica) pode dificultar o trabalho do etimologista, que deve estar sempre atento a ela.

Antecipando as propostas metodológicas da *dialetologia* que se firmará na virada do século 19 para o 20, Turgot alerta que para remontar uma palavra da língua atual, como o francês, à sua raiz original, latina, “é muito bom estudar esta língua [latina] não somente em sua pureza e nas obras dos bons autores, mas também os torneios mais corrompidos, na língua do povo mais baixo e das províncias”. Muitos linguistas do século 19, imbuídos da ideologia romântica de que os habitantes da zona rural, por viverem distantes da “corrupção” e da “preguiça” da vida urbana, conservam a “pureza” e a “autenticidade” da cultura nacional (do *folk-lore*, ‘saber do povo’, termo que será cunhado precisamente nessa época), consideravam – acertadamente – que aqueles falantes rurais também

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

conservavam em seus modos de falar usos mais antigos da língua – fonologia, sintaxe, léxico –, o que permitia avançar hipóteses sobre as formas mais remotas do idioma. No caso do latim, as fontes mais importantes para o estudo da história das línguas derivadas dele não podem ser buscadas no chamado “latim clássico” preservado na obra dos escritores consagrados, mas sim no “latim vulgar” ou “latim imperial”, levado para as terras conquistadas pelos soldados, comerciantes, pequenos funcionários etc., um conjunto de variedades populares muito distantes do padrão escrito formal, sempre mais conservador.

De igual modo, renunciando a metodologia principal da linguística histórica oitocentista, a *comparação*, Turgot escreve:

Quando dessa língua primitiva [o latim] várias se formaram ao mesmo tempo em diferentes países, o estudo dessas diferentes línguas, de seus dialetos, das variações que sofreram; a comparação da maneira diferente como elas alteraram as mesmas flexões, ou os mesmos sons da língua-mãe, tornando-as peculiares; a das direções opostas, se assim ousou dizer, segundo as quais elas desviaram o sentido das mesmas expressões; a sequência desta comparação, em todo o curso do progresso [dessas direções opostas] e em suas diferentes épocas, servirão muito para dar vislumbres das origens de cada uma delas: assim, o italiano e o gascão, que vêm do latim, como o francês, apresentam frequentemente a palavra intermediária entre uma palavra francesa e uma palavra latina, cuja passagem pareceria demasiado brusca e muito pouco verossímil se se quisesse tirar imediatamente uma da outra, ou porque o termo só se tenha tornado efetivamente francês porque foi tomado de empréstimo do italiano ou do gascão, o que é muito frequente, ou porque outrora essas três línguas foram menos diferentes do que são hoje.

O que vale para as línguas românicas valerá, no século 19, para as línguas da família maior indo-europeia, objeto primordial de investigação da linguística histórico-comparatista. O exemplo que o autor oferece é o do francês *jour* (‘dia’) que não guarda semelhança com o latim *dies* (‘dia’), mas cuja forma pode ser explicada por intermédio do italiano *giorno*, derivado do latim *diurnu-* (‘diurno’), um adjetivo que se substantivou (e no qual o caráter palatal da semivogal [j] da sílaba *diu-* influenciou a consoante [d] inicial, palatalizando-a em [dʒ], como permanece em italiano, enquanto em francês a consoante se reduziu a [ʒ]; o mesmo fenômeno se deu no português brasileiro, em que a primeira sílaba de *diurno* é pronunciada [dʒi], o que a aproxima bastante do italiano *giorno*). Assim, o italiano *giorno* serve de intermediário para confirmar a etimologia *diurnu* do francês *jour*.

O *contato* é outro fator aventado pelo enciclopedista como causador da mudança: “Todos os povos da terra se misturaram em tantas maneiras diferentes, e a mistura das línguas é uma consequência tão necessária da mistura dos povos, que é impossível limitar o campo aberto às conjecturas dos etimologistas”. O estudo das palavras não pode dispensar o estudo da história, que “indicará as invasões feitas nos tempos mais recuados, as colônias estabelecidas nas costas pelos estrangeiros, as diferentes nações que o comércio ou a necessidade de buscar um asilo conduziram sucessivamente para uma região”. Turgot atribui ao contato a coincidência de “raízes” encontradas em línguas europeias diferentes, o que demonstra o valor heurístico do método comparativo, e oferece exemplos: o grego *amelgein*, ‘tirar leite, ordenhar’, em que ocorre um radical *melg-* (‘leite’), se assemelha ao latim *mulgeo* (‘ordenhar’), assim como ao inglês *milk* (‘leite’) e ao alemão *Milch* (‘leite’), ao qual podemos acrescentar, por nossa conta, o russo *moloko* (‘leite’); o sueco *styern*, o inglês *star*, o grego *aster*, o latim *stella* têm “evidentemente a mesma raiz, assim como a palavra *méne* [grego], a lua, de onde *mensis* em latim, e as palavras *moon*, inglês, *maan*, dinamarquês, *Mond*, alemão”. E conclui:

*Etimologias* tão bem verificadas me indicam relações espantosas entre as línguas polidas dos gregos e dos romanos e as línguas grosseiras dos povos do Norte. Eu me dedicarei, portanto, ainda que com reservas, às *etimologias*, aliás prováveis, que se fundarão sobre essas misturas antigas das nações e de suas línguas.

Embora o contato seja, de fato, responsável pela presença de vocábulos comuns no léxico de muitas línguas diferentes, os exemplos oferecidos por Turgot não derivam, como se sabe, dessas “misturas antigas das nações e de suas línguas”, mas da genealogia comum, pré-histórica, de todos os idiomas elencados por ele, que serão agrupados no início do século 19 na família linguística chamada *indo-europeia*. O parentesco entre as diferentes línguas da Europa e alguma língua fora do continente era aventado desde o século 16, com a chamada “teoria crítica” (TAVONI, 1998, p. 64), proposta por diversos autores, segundo a qual os europeus eram descendentes dos citas (*scythae*, em latim), uma população nômade que ocupava o atual Cazaquistão e que no século 7 antes da Era Comum fez investidas no Cáucaso e no Oriente Médio. Falavam uma língua que foi identificada muitos séculos depois como indo-europeia. Leibniz demonstrou grande interesse pelo tema. Conforme temos argumentado, os supostos ineditismos e pioneirismos devem ser analisados com cuidado para evitar incorrer na mitificação: muito antes que o magistrado inglês William Jones (1710-1774) pronunciasse seu citadíssimo discurso de 1786 em que afirmava o parentesco entre o sânscrito e as principais línguas europeias, diversas pessoas que também tinham vivido na Índia, especialmente missionários religiosos, tiveram a



- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

atenção despertada, desde o século 16, pelas semelhanças lexicais entre aquelas línguas (SIMONE, 1998).

Outra perspicácia comparativa demonstrada por Turgot é o estabelecimento de correlações som-sentido capazes de explicar a origem das palavras: o “espírito rude” (isto é, a consoante aspirada [h]) inicial de várias palavras gregas como *hyper*, *heks*, *hys*, “foi substituído em latim” por um [s]: *super*, *sex*, *sus* (‘sobre’, ‘seis’, ‘porco’). O estabelecimento dessas correlações (sempre por meio da comparação) levará à formulação das chamadas *leis fonéticas*, recurso principal da linguística histórico-comparativa do século 19 para demonstrar o parentesco entre línguas.

O verbete se dedica em seguida ao estabelecimento de algumas “regras de crítica” para a boa formulação de etimologias, sendo a primeira delas “rejeitar toda etimologia que só se torne verossímil à custa de suposições multiplicadas”. Mais uma vez, Turgot enfatiza a importância de avaliar o papel dos contatos históricos entre povos e línguas quando se procura formular hipóteses etimológicas:

A natureza da migração, a forma, a proporção e a duração da mistura que dela resultou também podem tornar prováveis ou improváveis diversas conjecturas; uma conquista terá trazido muito mais palavras para um país quando tiver sido acompanhada de transplantação de habitantes; uma possessão duradoura, mais que uma conquista passageira; mais quando o conquistador tiver dado suas leis aos vencidos do que quando os tiver deixado viver segundo seus costumes; uma conquista em geral, mais que um simples comércio. É em parte a essas causas combinadas que é preciso atribuir as diferentes proporções na mistura do latim com as línguas faladas nas diferentes regiões submetidas outrora aos romanos; proporções segundo as quais as *etimologias* tiradas daquela língua terão, tudo permanecendo igual, maior ou menor probabilidade; na mistura, certas classes de objetos conservarão os nomes que lhes dão o conquistador; outras, o da língua dos vencidos; e tudo isso dependerá da forma do governo, da maneira como a autoridade e a dependência são distribuídas entre os dois povos; ideias que devem ser mais ou menos familiares àquele do que a este, segundo seu estado e os costumes que lhe dá esse estado.

Turgot também distingue aquilo que nos estudos históricos passou a se chamar *formação erudita* e *formação popular* (CARDEIRA, 2021) na constituição do léxico de uma língua. Na formação por via popular, as palavras estão sujeitas às regularidades das transformações fonéticas próprias da língua, enquanto na formação por via erudita os termos criados conscientemente para fins específicos, técnicos, literários etc., guardam

maior proximidade com o étimo latino: existem assim em francês *inclinaison* e *inclination*, ambos derivados do latim *inclinatione*- ('inclinação'), mas

[...] o primeiro, que conservou o sentido físico, é mais antigo na língua; passou pela boca dos agrimensores, dos marinheiros etc. A palavra *inclination* nos veio pelos filósofos escolásticos e sofreu menos alterações. É preciso então atentar para a suposta alteração maior ou menor de uma palavra, conforme seja mais antiga na língua, que a língua estivesse mais ou menos formada, que estivesse sobretudo fixada pela escrita quando a palavra foi introduzida, enfim, conforme ela exprima ideias de um uso mais ou menos familiar, mais ou menos popular.

Essa dupla corrente de entrada de termos na língua é responsável pelos chamados *dobretes* (ou *dobletes*), também designados como *formas divergentes*, duplas de palavras (mas às vezes também trios ou quartetos) que remontam a uma origem comum, mas que correspondem a processos diferentes de formação do léxico, o popular e o erudito: *dedo/dígito* (< *digitu*-); *macho/másculo* (< *masculu*-); *mascar/mastigar* (< *masticare*); *mancha/mágoa/malha/mácula* (< *macula*-); *chaga/praias/praga/plaga* (< *plaga*-) etc.

Após afirmar que a regra mais geral da pesquisa etimológica é “duvidar de tudo”, Turgot se dedica a reflexões mais amplas sobre a importância dessa ciência que “fornece à filosofia materiais e observações para elevar o grande edifício da teoria geral das línguas”:

A aplicação mais imediata da arte etimológica é a busca das origens de uma língua em particular: o resultado deste trabalho, levado o mais longe possível sem cair em conjecturas demasiado arbitrarias, é uma parte essencial da análise de uma língua, isto é, do conhecimento completo do sistema desta língua, de seus elementos radicais, da combinação de que são suscetíveis etc. O fruto desta análise é a facilidade de comparar as línguas entre si sob toda espécie de relações: gramatical, filosófica, histórica etc.

Nesse trecho é digno de nota o emprego do termo *sistema*, que se tornará o objeto teórico central da linguística estruturalista do início do século 20, inspirada nas teses esboçadas por Saussure e compiladas postumamente no *Curso de linguística geral*. O termo francês *systeme*, de formação erudita (proveniente do grego *systema*, ‘todo organizado’), começou a ser empregado no século 17, principalmente no campo das ciências exatas, de onde foi transferido para outros aspectos da vida social, quando se passou a falar, por exemplo, de *systeme politique* ('sistema político'). O prosseguimento do mesmo parágrafo é mais um exemplo da formulação já então clássica da dicotomia *gramática geral* e

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

*gramática particular*, mas desta vez com uma forte visada empirista e num movimento que, ao contrário da tradição, vai do particular como fonte de dados para a teorização do que pode ser universal a todas as línguas:

Percebe-se facilmente o quanto estas preliminares são indispensáveis para apreender em grande e sob seu verdadeiro ponto de vista a teoria geral da fala [*parole*] e da marcha do espírito humano na formação e nos progressos da linguagem; teoria que, como qualquer outra, precisa, para não ser um romance, aproximar-se continuamente dos fatos. Esta teoria é a fonte de onde decorrem as regras dessa gramática geral que governa todas as línguas, à qual todas as nações se assujeitam crendo seguir apenas os caprichos do uso e da qual enfim as gramáticas de todas as línguas não passam de aplicações parciais e incompletas.

Se no trecho anterior destacamos o termo *sistema*, neste agora é *fala* ou, mais precisamente *parole*, que convém realçar. Turgot chama *parole* o que poderíamos definir como a capacidade humana de organizar os pensamentos em gestos articulatórios, capacidade que se manifesta sob as mais diferentes formas nas mais diferentes línguas, mas que pode ser objeto de uma teorização voltada para o estabelecimento de princípios gerais que revelem o que há de universal no particular, universal que, no entanto, dentro da filosofia empirista, não pode ser atribuído a nenhum inatismo. É um programa mais ambicioso do que o exposto no *Curso de linguística geral*, em que se opõe a *parole*, fala individual, à *langue*, forma ideal abstraída da substância das falas individuais: a linguística geral do *Curso* entende por *langue* cada idioma particular, concebido como um “sistema de valores”. Por seu turno, Antoine Meillet (1866-1936) propôs o aproveitamento dos achados da linguística histórica para a formulação de uma linguística geral (2020 [1906], p. 47):

A busca de leis gerais, tanto morfológicas quanto fonéticas, deve ser agora um dos principais objetos da linguística. Mas, por sua própria definição, estas leis ultrapassam os limites das famílias de línguas: elas se aplicam à humanidade inteira.

É por meio da comparação entre as línguas, da coleta dos fatos semelhantes oferecidos por essa comparação, que é possível deduzir as regras de uma gramática geral (que, no gerativismo chomskiano do século 20, será chamada *gramática universal*). A vertente racionalista do século 17 tentava apreender essas regras gerais, não do funcionamento empírico da língua, mas de princípios *lógicos*, que governariam as modalidades de

pensamento, as quais por sua vez encontrariam vazão na *gramática*, modalidades de pensamento atribuídas às ideias inatas, alvo de pesada crítica dos empiristas:

Sabemos quantos sistemas têm sido fabricados sobre a natureza e a origem de nossos conhecimentos; a teimosia com que se tem sustentado que nossas ideias eram inatas; e a multidão inumerável desses seres imaginários com que nossos escolásticos encheram o universo, emprestando uma realidade a todas as abstrações de seu espírito: virtualidades, formalidades, graus metafísicos, entidades, quididades etc. etc. Nada, e falo de acordo com Locke, é mais apropriado para se desenganar disso do que um exame rigoroso da maneira como os homens vieram a dar nomes a essas espécies de ideias abstratas ou espirituais, e mesmo a se permitir novas ideias por meio desses nomes. [...] Alguém me dirá que a metafísica sadia e a observação assídua das operações de nosso espírito devem bastar sozinhas para convencer qualquer homem sem preconceito de que as ideias, mesmo dos seres espirituais, vêm todas dos sentidos: terá razão; mas essa verdade não é ela mesma posta de algum modo sob os olhos de uma maneira bem mais flagrante e adquire toda a evidência de um ponto de fato pela *etimologia* tão conhecida das palavras *spiritus*, *animus*, *pneuma*, *ruakh* etc., *pensamento*, *deliberação*, *inteligência* etc.?

Aqui o autor retoma, não só Locke, mas Condillac (citado também nominalmente), para argumentar que as ideias abstratas e metafísicas procedem de “analogias muito finas e muito justas” feitas a partir de dados fornecidos pelos sentidos e que, decorrentes dessas experiências, surgiram “os torneios singulares que os primeiros homens imaginaram para explicar ideias novas partindo de objetos conhecidos”. E um exemplo preciso a confirmar essa tese é a palavra *spiritus* (e seus equivalentes grego *pneuma* e hebraico *ruakh*), cujo sentido primeiro é ‘sopro’, isto é, uma atividade física do corpo humano da qual, por abstração, surgiu a ideia de ‘alma, mente, espírito’ etc., exemplo também usado por Condillac. Ainda na esteira de Locke e Condillac, o autor do verbete refuta a obsessão de vincular a lógica do pensamento à organização da linguagem, vínculo que se mostra falacioso diante da arbitrariedade e da mera convencionalidade dos signos linguísticos, ou seja, da

[...] impossibilidade em que os homens se encontram de fixar exatamente o sentido dos signos aos quais só aprenderam a ligar ideias por um hábito formado desde a infância, à força de ouvir repetir os mesmos sons em circunstâncias semelhantes, mas que nunca o são inteiramente; de sorte que nem dois homens nem talvez o mesmo homem em tempos diferentes vinculem precisamente à mesma palavra a mesma ideia.

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

Ora, para o funcionamento da lógica clássica é preciso que as palavras tivessem sempre o mesmo sentido:

No entanto, todo o artifício deste cálculo engenhoso cujas regras nos deu Aristóteles, toda a arte do silogismo é fundada no uso das palavras no mesmo sentido; o emprego de uma palavra com dois sentidos diferentes faz de todo raciocínio um sofisma.

Para ilustrar essa afirmação, Turgot se dedica a uma investigação minuciosa, mais uma vez, da palavra e da ideia de *espírito*, que vale a pena transcrever ao menos em parte porque é, de fato, uma aplicação das teses empiristas à ciência da etimologia:

Recorde-se a profusão das acepções da palavra *espírito*, desde seu sentido primitivo *spiritus*, 'hálito', até os que lhe são dados na química, na literatura, na jurisprudência, *espíritos ácidos*, *espírito de montanha*, *espírito das leis* etc.; tente-se extrair de todas essas acepções uma ideia que seja comum a todas, e se verá evanescer todas as propriedades que distinguem o espírito, em qualquer sentido que se tome, de toda coisa outra. Nem sequer restará a ideia vaga de *sutilidade*; pois esta palavra não tem sentido algum quando se trata de uma substância imaterial; ela nunca foi aplicada ao espírito no sentido de *talento* a não ser de maneira metafórica. Mas ainda que se pudesse dizer que o espírito, no sentido mais geral, é *uma coisa sutil*, a quantos seres esta qualificação não caberia? E seria esta uma definição que deve convir ao definido, e só convir a ele? [...] Se nos limitarmos mesmo só à língua francesa, a profusão e a incompatibilidade das acepções da palavra *esprit* são tamanhas que ninguém, creio, já foi tentado a compreendê-las todas assim em uma única definição e a definir o espírito em geral. [...] Ouso dizer que quase todas as definições em que se anuncia que se vai definir as coisas no sentido mais geral têm esse defeito, e não definem realmente nada, porque seus autores, ao querer encerrar todas as acepções da palavra, empreenderam uma coisa impossível, isto é, reunir sob uma única ideia geral ideias muito diferentes entre si, e que uma mesma palavra jamais pôde designar a não ser sucessivamente, deixando de alguma modo de ser a mesma palavra.

Para evitar esses problemas recorrentes encontrados nas definições, os meios estão no estudo histórico da geração dos termos e de suas transformações:

[...] seria preciso observar a maneira como os homens têm sucessivamente aumentado, restringido, modificado, mudado totalmente as ideias que vincularam a cada palavra; o sentido próprio da raiz primitiva, tanto quanto é possível remontar a ela; as metáforas que lhe sucederam; as novas metáforas enxertadas frequentemente sobre as primeiras, sem nenhuma relação com o sentido primitivo.

Em síntese, o verbete *etimologia* da *Enciclopédia* recusa a longa tradição (inaugurada pelo *Crátilo* de Platão) de tentar descobrir no étimo, no termo original mais remoto, o sentido “primeiro” e “verdadeiro” atribuído às palavras por uma divindade ou por um nomeador mítico (como o Demiurgo platônico ou o Adão bíblico), que transformou em linguagem as ideias supostamente inatas, inculcadas no espírito humano por essa mesma divindade – as transformações sofridas pelas palavras ao longo dos séculos são, nessa perspectiva, contempladas com pessimismo e com censura, por representarem “degenerações” dessa linguagem primordial, tradução exata e perfeita da verdade. Aqui, ao contrário, as palavras são artefatos humanos, arbitrários, sujeitos às convenções sociais, às vicissitudes e às peripécias históricas dos povos e de suas línguas, de seus contatos e suas influências recíprocas. É preciso reconhecer a variação social e a variação linguística, empreender comparações bem fundadas entre línguas diversas aparentadas, identificar os fenômenos da mudança fonética e da mudança semântica, admitir que os termos abstratos derivam de transferências metafóricas e analógicas de coisas conhecidas pela experiência para as especulações do pensamento. Assim, “as *etimologias* confirmam as conjecturas históricas, tal como vimos que as conjecturas históricas confirmam as *etimologias*”.

## Conclusão

A análise que fizemos acima do verbete *etimologia* da *Enciclopédia* poderia levar a supor uma contradição quanto à ideia que enunciamos logo no início do artigo, a de que não há rupturas abruptas no progresso dos estudos da linguagem, mas reaproveitamentos, reciclagens, acúmulos – afinal, Turgot parece se afastar radicalmente das pesquisas etimológicas tradicionais, rompendo com esse paradigma clássico. No entanto, o uso recorrente das teses de Locke e Condillac (e uma possível filiação às análises sociais de Rousseau) evidencia que Turgot formulou suas ideias linguísticas de modo a torná-las compatíveis com a filosofia daqueles autores, que se dedicaram explicitamente à investigação da linguagem: o capítulo 3 do *Ensaio acerca do entendimento humano* (1689) de Locke se intitula precisamente “On Words” (“Sobre as palavras”), assim como o *Ensaio*

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

*sobre a origem dos conhecimentos humanos* (1746) de Condillac, na primeira parte de seu segundo tomo, se dedica a uma minuciosa teorização sobre a origem da linguagem e seu desenvolvimento. Se Turgot rompeu com uma tradição etimologista de matriz racionalista, não significa que o fez *ab ovo*, e sua originalidade pode estar justamente na tentativa de moldar a pesquisa etimológica segundo os preceitos da filosofia empirista. Se houve da parte dele alguma intenção de *mopping-up*, esta acaba por revelar, mais uma vez, que *ex nihilo nihil*. E, por fim, se Turgot pôde antecipar alguns pressupostos que viriam a se tornar conceitos fundamentais em escolas linguísticas posteriores, foi justamente porque soube se valer das investigações filosófico-linguísticas de seu tempo.

As operações de *mopping-up*, como definidas por Kuhn, são bastante conhecidas na história da linguística. Os primeiros praticantes da linguística histórico-comparativa do século 19 sentiram a necessidade, para se afirmar, de lançar para as margens a milenar especulação acerca das relações pensamento-linguagem (isto é, lógica-gramática), porque não tinha o caráter “científico” de suas próprias investigações acerca do parentesco entre as línguas indo-europeias, que podia ser confirmado ou descartado pelo recurso a instrumentos heurísticos precisos como as chamadas “leis fonéticas”. No final do mesmo século, na década de 1870, os chamados Jovens Gramáticos alemães (normalmente designados pelo termo equivocado de “neogramáticos”), se manifestaram de forma propositalmente agressiva contra seus antecessores, por terem professado a crença de que as línguas são organismos vivos, com existência independente das ações dos seres humanos que as falam: imbuídos da perspectiva positivista do momento, optaram por fazer do indivíduo falante o único objeto da investigação linguística, porque a língua é um processamento mental (hoje diríamos cognitivo) que se externaliza pelo aparelho fonador. Na primeira metade do século 20, foi a vez do estruturalismo, que se dizia herdeiro do pensamento de Saussure (mas, de fato, da versão confusa e com problemas de coerência textual publicada pelos editores do *Curso*, cf. Seuren, 2018), se aferrar a uma linguística exclusivamente sincrônica e deixar na sombra todo o trabalho acumulado pela linguística histórica do século anterior. Já na década de 1960, muitos adeptos da autodenominada “revolução chomskiana” passaram a crer que

[...] o trabalho dos professores de Chomsky podia ser lançado na lata de lixo da história: já não precisava ser lido, tornara-se irrelevante. O novo “paradigma” substituiu o precedente, que tinha ficado então seriamente datado. Quem estava na “linguística moderna” e tinha vivido entre os anos 1960 e 1970 podia observar agora de que modo [o livro de Chomsky] *Syntactic Structures*, publicado em 1957, logo foi assumido por muitos como marcando o início da linguística como ciência, e que o trabalho de Bloomfield e seus seguidores podia ser desconsiderado já que era “pré-científico”. (KOERNER, 2020, p. 69-70).



O processo de desenvolvimento de um campo de conhecimento científico está longe de ser unilinear, mas, ao menos no campo da linguística, a ideologia do *mopping-up* tem se mostrado bastante resistente. Quando se analisa, porém, como no nosso caso, um texto como o verbete dedicado à etimologia na *Enciclopédia*, no volume publicado em 1756, detecta-se uma série de conjecturas e observações que já prenunciavam temas e objetos de interesse do que se viria a chamar de “ciência da linguagem” ou “linguística moderna”: a mudança linguística provocada pelo caráter arbitrário e convencional dos signos linguísticos; a variação social como causa da mudança; a necessidade de estudar os dialetos populares porque conservam as formas mais antigas da língua; o método comparativo; o contato de línguas como fator de mudança; as “leis fonéticas”; a visão sistêmica da língua; a relação entre a fala individual e uma teoria geral da língua – tudo condensado num artigo que ocupa, na publicação original, pouco mais de doze páginas. O conhecimento se faz por acúmulo, de modo que, ainda recorrendo a Turgot,

[...] se esses detalhes sobre as línguas e as palavras de que se ocupa a arte etimológica são grãos de areia, é precioso coletá-los, pois são grãos de areia que o espírito humano tem lançado em seu caminho e os únicos que podem nos indicar a trilha de seus passos.

## Referências

CARDEIRA, E. **Gramática histórica do português europeu**. São Paulo: Parábola, 2021.

DAVIES, A. M. **History of Linguistics**. Volume IV: Nineteenth-Century Linguistics. London/New York: Routledge, 1998.

KOERNER, E. F. K. **Ferdinand de Saussure: Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language. A Contribution to the History and Theory of Linguistics**. Braunschweig: Friedrich Vieweg & Sohn, 1973.

KOERNER, E. F. K. **Last Papers in Linguistic Historiography**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2020.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

- | A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEILLET, A. **A evolução das formas gramaticais**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.

PLATÃO. **Sofista**. Tradução Carlos Alberto Nunes. ASIN B00AGB2JZW (Amazon Standard Identification Number).

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SEUREN, P. A. M. **Saussure and Sechehaye: Myth and Genius**. Leiden/Boston: Brill, 2018.

SIMONE, R. The Early Modern Period. *In*: LEPSCHY, G. **History of Linguistics**. vol. III: Renaissance and Early Modern Linguistics. London/New York: Routledge, 1998. p. 149-214.

TAVONI, M. Renaissance Linguistics. *In*: LEPSCHY, G. **History of Linguistics**. vol. III: Renaissance and Early Modern Linguistics. London/New York: Routledge, 1998. p. 1-66.

WHITNEY, W. D. **Language and the Study of Language**. New York: Scribner and co., 1867.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BAGNO, Marcos. A etimologia de Turgot: grãos de areia para uma história da linguística. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 35-58, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 28/12/2021 | Aceito em: 10/02/2022.

---